

Recursos (áudio) visuais para o ensino a distância da Língua Brasileira de Sinais: relato de experiência

Belo Horizonte, maio de 2011

FRANCO, Iara Cordeiro de Melo – PUC Minas

iara.franco@uol.com.br

BESSA, Juliana Sousa de Almeida – PUC Minas

juliana.almeida@virtual.pucminas.br

CAMARGO, Leonardo Drummond Vilaça Lima – PUC Minas e CEFET-MG

leonardodrummondvilaca@gmail.com

Setor Educacional: 3 - Educação Universitária

Área de Pesquisa em EAD: Gerenciamento, Organização e Tecnologia -
Inovação e Mudança

Natureza do Trabalho: Descrição de Projeto em Andamento

Classe: Experiência Inovadora

Resumo:

Ao trabalhar com vídeos em cursos na modalidade Educação a Distância, o professor depara-se com novos desafios na produção de seu material didático midiático. Encontrar formas eficazes de trabalhar os recursos de linguagem audiovisual na educação é um desafio potencializado quando se trata de uma produção didática em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais. Este artigo apresenta um relato de experiência com a produção de material (áudio)visual para a disciplina a distância de Libras ofertada pela PUC Minas Virtual. Foram produzidos 24 vídeos com cerca de 5 minutos cada, subdivididos em uma parte dramatizada, com situações do cotidiano, e outras duas com explicações de vocabulário e dicas feitas por dois professores nativos em Libras. Para efeito desse relato, os autores apresentam o trabalho de realização do material didático audiovisual em fases, intituladas pré-produção, produção e finalização, além de uma breve explanação sobre o uso de formatos audiovisuais na Educação a Distância.

Palavras-chave: Educação a Distância; LIBRAS; PUC Minas Virtual; audiovisual; educação inclusiva; videoaula

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de experiência com a produção de material (áudio)visual para a disciplina a distância de Libras – Língua Brasileira de Sinais realizada sob a coordenação da equipe de vídeo da PUC Minas Virtual, orientada por professores da Graduação Tecnológica em Comunicação Assistiva: Libras e Braille e do NAI – Núcleo de Apoio à Inclusão, todos pertencentes à PUC Minas. Foram produzidos 24 vídeos com cerca de 5 minutos cada, subdivididos em uma parte dramatizada, com situações do cotidiano, e outras duas com explicações de vocabulário e dicas feitas por dois professores nativos em Libras.

Das primeiras reuniões com os professores-autores dos argumentos dos vídeos até a finalização foram necessários quase dois anos de trabalho. Para efeito desse relato, os autores sub-dividiram o trabalho de realização do material didático audiovisual em fases, intituladas pré-produção, produção e finalização, que serão apresentadas após uma breve explanação sobre o uso de formatos audiovisuais na Educação a Distância.

O vídeo em EAD e no ensino de Libras

O vídeo compartilha com a televisão muitas características, herdadas principalmente da linguagem do cinema. Plano, enquadramento, composição, iluminação, montagem e ritmo são alguns dos elementos desta linguagem. De acordo com Gerbase (2006), o vídeo em EAD adapta a linguagem audiovisual para suas próprias circunstâncias, com objetivos didáticos. Moore e Kearsley (1996) consideram que o vídeo e o áudio, tornaram-se formas bastante convenientes para a divulgação de material instrucional.

Ao trabalhar com vídeo em cursos de EAD, o professor depara-se com novos desafios na produção de seu material didático midiático. Além das especificidades que separam a linguagem oral da sala de aula para as linguagens da aula em meio audiovisual, deve-se considerar também os hábitos de consumo de materiais audiovisuais contemporâneos (TV, cinema e sites que se popularizam, como o YouTube, por exemplo).

Há diversas formas de trabalhar produtos audiovisuais didáticos: reportagens, videoaulas expositivas, animações, dramatizações, videoconferências, entre outros “gêneros”, que podem ser usados e combinados para atingir os objetivos pedagógicos. Com tantas opções, o

professor precisa, com apoio de profissionais capacitados, avaliar quais as melhores alternativas e refletir sobre a contribuição de cada recurso da linguagem audiovisual para as estratégias de ensino e aprendizagem.

Neste início do século XXI, docentes da disciplina Libras também encontram-se na situação de pensar estratégias de ensino através do vídeo. Os profissionais que produzem estes recursos, devido à escassez de material teórico sobre o assunto e experiências de produções anteriores, tentam descobrir a melhor forma de realizá-lo, aceitando o jogo de erros e acertos que pode surgir em uma produção realizada nessas condições.

Algumas dificuldades são relatadas por Baldessar e Andrade, que produziram videoaulas do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina:

(...) o Libras, como é conhecido, trouxe para o grupo de professores envolvidos na produção de materiais didáticos desafios e questionamentos sobre o ensinar uma língua não consolidada e mutante. É nesse contexto que está inserida a equipe do curso de Jornalismo encarregada de produzir 28 videoaulas e, ao longo do projeto, teve de refazer discussões, rever padrões e contrapor assertivas (...) (Baldessar e Andrade, p. 116, 2010.)

Encontrar formas eficazes de se trabalhar os recursos de linguagem audiovisual na educação é um desafio potencializado quando se trata de uma produção didática em Libras. Recursos gráficos como a iluminação, o figurino e o cenário influenciam na atenção do aluno e na visibilidade que os sinais terão na tela. A direção deve definir quais partes do roteiro podem ser gravadas com atores surdos ou ouvintes, pois o “sotaque”, no caso, variações de como é feita a sinalização, pode influenciar positiva ou negativamente, de acordo com o objetivo de cada parte do roteiro. O enquadramento precisa ser aberto o suficiente para que todo o gestual e expressão facial sejam mostrados de forma clara. Os movimentos de câmeras, o plano, a montagem, o ritmo, locução (ou ausência de), e as dramatizações também têm suas especificidades, pois é necessário primar pela compreensão e apreensão do conteúdo que tem por objetivo ensinar uma língua – a Libras - através de uma linguagem – a audiovisual.

A Experiência da PUC Minas Virtual

O início dos trabalhos em torno da produção do material audiovisual se deu em agosto de 2009. Embora a PUC Minas já estivesse avançada nas discussões sobre a questão da inclusão, tendo implantado em 2005 o Núcleo

de Apoio à Inclusão e em 2008 o curso de Comunicação Assistiva: Libras e Braille, foi a publicação da Lei nº10.436 de 2002 e do Decreto-lei nº5.626 de 2005 que ensejou uma reunião de esforços de vários setores da Universidade em torno da criação de condições adequadas para a criação e oferta de disciplina obrigatória de Libras para as Licenciaturas e para os cursos de Educação Física, Fonoaudiologia, Letras e Pedagogia, conforme exigência do texto legal.

Como a PUC Minas é uma universidade multi campi a opção pela modalidade a distância na oferta da disciplina, desde o princípio, foi consenso entre os dirigentes da instituição e os professores que assumiriam a autoria do material e a docência. Nesse momento, também houve consenso de que parte expressiva do material didático deveria ser constituída de vídeos pelos resultados que poderiam proporcionar, e que eles deveriam ter tratamento técnico e formal com parâmetros profissionais, a exemplo do que já foi produzido no Brasil para programas educacionais com caráter semelhante (PROCAD, PROCAP, TV Escola, entre outros).

Além disso, os vídeos, associados aos recursos do AVA, tais como orientações de estudo, textos, chats e fóruns, foram considerados material didático de destaque dada a natureza essencialmente visual da Libras e a intenção em se adotar a abordagem comunicativa. Nessa abordagem a ênfase é dada ao evento comunicativo e não apenas à análise das informações “textuais”. O princípio adotado é o de que a aprendizagem e a familiarização com a Libras devem decorrer da sua aplicação por nativos e não nativos.

Definida a relevância do vídeo como recurso para motivar os alunos e ajudar na apreensão e retenção dos conteúdos ministrados, passamos à avaliação das diversas alternativas, entre elas utilizar vídeos encenados, gravados e dirigidos por dois professores nativos em Libras da própria PUC Minas. Outra alternativa estudada foi o uso materiais produzidos por outras universidades.

A avaliação feita pela equipe da PUC Minas Virtual mostrou que, no caso do material produzido por terceiros, a linguagem dos vídeos, em sua maioria, baseava-se em gravações de pessoas falando em Libras, enquadradas em plano médio (cortando logo acima da cabeça e um pouco abaixo da cintura).

No caso da produção de professores da própria PUC, a proposta era muito interessante, mas não era adequada para uso como recurso de uma disciplina a distância. Entre os motivos, destacamos a ausência de iluminação adequada das cenas; de seleção apropriada dos locais de gravação; de enquadramento e decupagem (divisão das cenas em planos como close, 1º plano, plano geral etc.).

Como os aspectos mencionados são essenciais para favorecer a apreensão daquilo que se quer ensinar ao aluno, a direção da Universidade convenceu-se da necessidade de produzir vídeos com qualidade profissional e aprovou a realização de uma licitação para tomada de preço dos serviços de uma empresa produtora de vídeo.

A partir do planejamento prévio dos professores-autores, a equipe de vídeo da PUC Minas Virtual preparou um *briefing* que seria enviado às produtoras. Tomando por base o detalhamento das situações do cotidiano a serem gravadas, três das cinco produtoras contatadas enviaram os orçamentos que variaram de 230 a 550 mil reais para produzir, inicialmente, 30 vídeos dramatizados de cerca de 3 minutos de duração e 30 vídeos de vocabulário/dicas gravados pelos professores.

Pré-produção

Aprovada a solicitação e escolhida a produtora que estaria à frente desse trabalho, os professores-autores foram orientados sobre como escrever um roteiro para cinema. Consideramos, erroneamente, que os professores seriam os mais indicados para roteirizar as situações ficcionais que apresentariam o vocabulário que cada um dos vídeos se proporia a ensinar.

Como a experiência de filmar diálogos em LIBRAS era nova para todos da equipe, ficou decidido que seria feito um vídeo piloto. Por determinação dos professores, os atores deveriam ser nativos em LIBRAS, para evitar o “sotaque” que um ator ouvinte poderia empregar, além de valorizar a comunidade surda, dando oportunidade de trabalho e visibilidade a atores não-ouvintes. Também foi definido pelos professores que os vídeos não deveriam ter sons. Poucos dias depois, os professores apresentaram o primeiro roteiro que foi gravado pela equipe durante nove horas, em um Shopping de Belo Horizonte. No momento da gravação foram feitos alguns ajustes no roteiro.

Primeira exibição: avaliação da equipe da PUC Minas Virtual

O vídeo piloto, com duração aproximada de 3 minutos, apresentou, na avaliação da equipe da PUC Minas Virtual, a qualidade técnica, estética e comunicacional desejada e necessária ao curso.

Surgiu, nesse momento, uma inquietação com relação à ausência de áudio. Como a disciplina se destina a alunos ouvintes, observou-se que seria interessante acrescentar à versão silenciosa, uma pista de áudio com sons ambientes (ruídos, passos, conversas ao fundo etc.) e talvez ainda uma trilha sonora, para manter a atenção do aluno e destacar, por meio do recurso de aumentar e diminuir o volume, os momentos em que os principais diálogos são iniciados e finalizados. Essa questão gerou longas discussões sem que se obtivesse consenso entre os responsáveis pela produção.

Segunda exibição: avaliação dos professores da disciplina

Na exibição do vídeo piloto aos dois professores da disciplina, pudemos perceber que eles ficaram positivamente impressionados com o resultado. Um *feedback* detalhado foi enviado por e-mail por um dos professores:

“A qualidade da imagem é excepcional, assim como os balanços das cores, a focalização dos personagens, movimentos físicos dos personagens e da câmera e a gesticulação ficou bastante nítida. Ficamos extremamente satisfeitos com a qualidade do produto final, cenários, materiais usados, as placas, cartazes, sacos de pipoca, até o dinheiro de verdade....tudo perfeito. Os movimentos da câmera excederam nossas expectativas.” (Souza Junior, 2010)

Os professores atentaram para alguns detalhes importantes. Os atores precisariam tomar muito cuidado para não gesticular ao mesmo tempo para não dispersar a atenção à sinalização que deve ser aprendida. Além disso, diálogos gestuais entre figurantes deveriam ser bem discretos para não gerar expectativa de que ali também estivesse sendo ensinado o vocabulário da aula. Foi percebido ainda que o enquadramento aberto, mostrando todos os atores, mesmo que permita o entendimento do sinal, não é tão didático quanto o enquadramento fechado no ator que gesticula.

Terceira exibição: testagem do piloto com alunos e outros convidados

A terceira testagem do piloto ocorreu com a exibição do vídeo para alunos da PUC Minas, oriundos de diferentes cursos, além de um convidado.

No dia da exibição, compareceram pessoas das equipes do NAI, do curso de Comunicação Assistiva, da PUC Minas Virtual e da produtora de vídeo contratada, além de 8 estudantes: 3 alunos do curso de jornalismo, 1 de Relações Internacionais, 1 de Psicologia, 1 de Pedagogia, 1 graduado em Turismo e 1 em Educação Física. Ao todo, foram 11 aspectos avaliados pelos oito alunos e um funcionário do NAI. Na tabela abaixo estão as questões apresentadas a eles e a soma de respostas que cada opção recebeu.

Tabela 1

No quadro abaixo, responda **sim** ou **não** para cada questão. Quando a sua opção for sim, classifique-a como ruim/regular/bom/ótimo marcando um “x” nos campos correspondentes.

CLASSIFICAÇÃO DAS INFORMAÇÕES DO VÍDEO	NÃO	SIM	RUIM	REGULAR	BOM	ÓTIMO
O contexto pode ser deduzido a partir da(s) informação(ões) visual(is)?		9*		1	4	4
A informação visual do cenário permite intuir o conteúdo do diálogo em LIBRAS?		9		1	6	1
As informações linguísticas (os sinais) estão visíveis e perceptíveis?		9		2	4	3
A velocidade com que as informações linguísticas (os sinais) aparecem é adequada?	1	8		3	2	3
A qualidade da imagem é boa?		9		1	4	4
Os atores são expressivos e atuam bem?	2	7			2	5
As instruções no início do episódio contribuem para a compreensão das informações linguísticas?		9		1	4	3
As instruções no início do episódio auxiliaram na maneira de assistir as aulas?	1	8		1	4	3
O vocabulário ao final do vídeo é apresentado de forma adequada?		9		1	2	5
O vocabulário deu algum suporte para a compreensão das informações?		9			3	5
Você acha que a versão com áudio (música e som ambiente) é melhor que a versão em silêncio?	2	7		1	2	3

*Os números correspondem à quantidade de pessoas que responderam a cada opção disponível.

Nessa avaliação comentou-se que os atores deveriam gesticular de forma mais lenta. A locução que acompanha as falas dos professores também apresentou alguns ruídos, uma vez que a estrutura das frases em LIBRAS é muito diferente do português, se assemelhando mais ao inglês. Por exemplo, na Libras, o verbo surge depois do objeto (“Cor qual?”). Na tradução, a intérprete diz “Qual cor?”. Foi apontado que tal fato pode levar a uma associação errônea em relação ao sinal e seu significado.

A questão do áudio foi a mais discutida. Foram exibidas três versões da dramatização: uma sem áudio, uma com som ambiente e uma com som ambiente e trilha sonora musical em alguns trechos. Um dos professores surdos, com a mão encostada na caixa de som, teve a sua percepção do áudio, considerando interessante o recurso da alteração de intensidade da trilha em função dos diálogos. Foi reiterada a existência de toda uma cultura do cinema e da televisão que nos condiciona a estímulos auditivos em associação com as imagens, que poderia levar a um grande estranhamento dos vídeos sem áudio. Apesar do debate, não se chegou a uma conclusão

Produção

Ao contrário do que imaginávamos, a retomada das gravações, que deveria ter sido imediata, aconteceu cerca de três meses depois das exibições, devido a problemas com os roteiros. No papel de roteiristas, os professores propuseram uma história que se desenrolava em uma narrativa seriada, com os personagens formando núcleos familiares à medida que as aulas avançavam. Com isso, surgiram problemas de continuidade e situações complexas de serem produzidas, como personagens que nasciam, cresciam e se reproduziam. A adoção dessa estratégia exigiria um conhecimento profundo de roteiro de ficção, com a criação de personagens e histórias plausíveis, além de um *casting* de atores muito grande, resultando em um gasto elevado com cachês. Outra dificuldade era encontrar atores surdos e mais ainda que se encaixassem em todos os perfis de personagens propostos. Diante do desafio em desenvolver a história, perdemos o foco do vocabulário que deveria ser empregado em cada aula.

A coordenação da produção errou ao não ter contratado, desde o início, um roteirista profissional. Quando essa providência foi tomada, os professores ficaram com a função de indicar quais seriam as situações e palavras-chave de cada aula. A roteirista ficou incumbida de criar cenas simples, mas significativas. As situações foram criadas como narrativas individuais, na forma de episódios, não mais em sequência como proposto inicialmente. Mantiveram-se os vídeos de vocabulário que ao invés de se resumirem ao professor sinalizando o vocabulário utilizado no vídeo dramatizado, estendeu-se para explicação de características gramaticais e apresentação de sinais

relacionados ao conteúdo de cada aula. Acrescentou-se ainda, ao final, um vídeo de dicas, com curiosidades acerca do vocabulário abordado.

E assim os trabalhos foram retomados. As locações foram as mais variadas: praça, papelaria, cartório, faculdade, pet shop, supermercado, apartamento etc. A equipe mostrou eficiência, concluindo as gravações em pouco mais de um mês.

A disponibilidade de atores foi outro problema encontrado. Apesar da opção dos professores-autores em só trabalhar com atores nativos em Libras, com o passar do tempo, uniram-se ao elenco alguns intérpretes de LIBRAS, ampliando o leque de atores e figurantes.

De uma forma geral, as gravações foram mais demoradas que o usual, devido à necessidade de tradução das considerações e instruções dos professores surdos de um lado e da equipe técnica de outro.

Ocorreram situações em que o quadro teve que ser refeito porque a mise-em-scène (colocação do ator em cena, a ação realizada por eles e a movimentação da câmera) atrapalhou a visualização dos sinais, segundo os professores, obrigando a equipe a refilmar algumas cenas em locações mais apropriadas, do ponto de vista dos professores-autores. Além disso, os movimentos de câmera tiveram de ser reduzidos. Foram usados majoritariamente planos e contraplanos parados, fechados nos atores.

Finalização

Com tantos aspectos a serem observados e com a inicial indefinição sobre o uso de sons ou de silêncio nos vídeos, o áudio em muitas ocasiões foi deixado em segundo plano. Após definir que seria utilizado som ambiente, foi necessário despender muitas horas de edição para tratamento de áudio. Em alguns vídeos, o som ambiente teve que ser refeito.

Os professores identificaram alguns erros na parte de vocabulário e foi necessário corrigi-los. Em alguns casos, a legenda não estava sincronizada com o sinal. Em cenas que julgaram que o enquadramento não era o mais adequado (estava aberto ou fechado demais), foi solicitado que os editores buscassem outros *takes*.

Cenas que pareciam longas foram reduzidas para dinamizar o vídeo. Alguns cortes e transições de imagens realizados na edição tiveram que ser refeitos, pois dificultavam a visualização de sinais.

A maior dificuldade encontrada na edição foi sincronizar as legendas com os diálogos dos atores. Em muitos casos, o texto sinalizado pelos atores variou muito do texto escrito no roteiro e, dessa forma, foram muitas as correções de legendas. Entretanto, a montagem da maioria dos vídeos se deu de forma tranquila, visto que em muitas das gravações foram utilizadas duas câmeras, o que proporcionou boas opções de planos.

Conclusão

No momento da redação desse artigo, os professores-autores encontram-se ocupados com a montagem da disciplina no ambiente virtual de aprendizagem, preparando a articulação entre as orientações de estudo e o uso do vídeo e de outros recursos em produção, como um objeto em realidade aumentada e jogos. Eles também estão preparando as orientações a serem enviadas aos alunos a respeito dos vídeos que eles deverão gravar com as sinalizações, para avaliação e verificação da aprendizagem. A disciplina a distância de Libras será ofertada pela primeira vez na PUC Minas a partir do segundo semestre de 2011. A partir desse momento, faremos o acompanhamento sobre a pertinência e adequação do uso do vídeo nesse contexto.

Referências Bibliográficas

BALDESSAR, M. J.; ANDRADE, T. M. A produção de videoaulas na Língua Brasileira de Sinais. Extensio (Florianópolis), v. 1, p. 77-80, 2010.

GERBASE, Carlos. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação à distância (EAD). Revista Logos: cinema, imagens e imaginário. Ano 13, 1º semestre 2006.

MOORE, Michael G. Moore e KEARSLEY, Greg. Distance Education: A System View. Belmont, Wadsworth Publishing Company, 1996.

SOUZA, Júnior. Catalogação de materiais especiais. [mensagem pessoal]. Mensagem_recebida por: <iara@virtual.pucminas.br> 16 set. 2010.